

BRUNO

O ENCOBERTO

O quem tiuesse poder
Pera dizer
Os sonhos que homem sonha,

GONCALLE-ANNEZ BANDARRA,
capateyro de Trancoso.

Ap. Dom Ioam de Castro (1603).



PORTO
LIVRARIA MOREIRA — EDITORA
42, Praça de D. Pedro, 44

1904



O ENCOBERTO

DO MESMO AUCTOR :

- Analyse da crença christã.** 1 volume. Porto, 1874. Typ. de Arthur José de Souza & Irmão.
- Discurso anti-jesuitico,** de Alexandre Braga. *Prefacio.* Ib. 1881. Deolindo de Castro & Costa Carregal, ed.
- Lira intima,** por Joaquim de Araujo. Op. 1884. Braga, typ. de Bernardo A. de Sá Pereira.
- Aerolithos,** de Pacheco de Miranda, Filho. *Prefacio.* Ib. 1886. Typ. Silva Teixeira.
- A geração nova — Os novellistas.** 1 volume. Ib., id. Magalhães & Moniz, ed.
- Historia do cerco do Porto,** de Simão José da Luz Soriano. *Biographia.* Ib., 1889-1890. A. Leite Guimarães, reed.
- Manifesto dos emigrados da revolução republicana portugueza de 31 de janeiro de 1891.** Op. Paris, 1891. Imprimerie Schiller.
- Notas do exilio.** 1 volume. Porto, 1893. Livraria Chardron, ed.
- Historia de Portugal,** de H. Schæfer. Edição portugueza. 5 volumes. Ib., id. — 1902. Typographia da Empresa Litteraria e Typographica.
- O Bispo,** de Guilherme Braga. *Prefacio.* Ib., 1895. Fernandes Possas, reed.
- Lgrimas d'amor,** de Moreira Lopes. *Prefacio.* Ib. 1896. Sousa Brito & C.^a, ed.
- O Brazil mental.** 1 volume. Ib., 1898. Livraria Chardron, ed.
- Paraphrase et concordancia de algunas propheçias de Bannarra, çapateiro de Trancoso.** Por Dom *Joam de Castro.* *Postfacio.* Ib., 1901. José Lopes da Silva, reed.
- Despedidas,** de Antonio Nobre. *Prefacio.* Ib., 1902. Augusto Nobre, ed.

No prélo:

- Théorie exacte et notation finale de la musique.**
- Os modernos publicistas portuguezes.** Ed. Lello & Irmão.
- A poesia do amôr em portuguez.** Ed. Magalhães & Moniz.
- Historia de Portugal desde 1820.** (Continuação da de Henrique Schæfer). Ed. da mesma Empresa.

BRUNO

O ENCOBERTO

O quem tiuesse poder
Pera dizer
Os sonhos que homem sonha,

GONCALLE-ANNEZ BANDARRA,
capateyro de Trancoso.

Ap. Dom Ioam de Castro (1603).



PORTO
LIVRARIA MOREIRA — EDITORA
42, Praça de D. Pedro, 44

—
1904

Typ. a vapor da Empresa Litteraria e Typographica

178, Rua de D. Pedro, 184—Porto

Para nós, o sebastianismo é uma
prova posthuma da nacionalidade.

OLIVEIRA MARTINS.

O *Portugal contemporaneo* parece-me como
que pensado e escripto na hyper-acuidade da fe-
bre; e d'essa obra doente o cap. III (*O Roman-
tismo*) do livro quarto (*A anarchia liberal*) figu-
ra-se-me um dos mais chimericos, na idealidade
pervertida e degenerescente de suas secções me-
taphysicas, sob titulos românticos: *A voz do
propheta*; *A poesia das ruinas*; *Renascimento* . . .

N'este n.º, precisamente, Oliveira Martins
escreve:

O *Frei Luis de Sousa* é a tragedia portugueza,
sebastianista. O fatalismo e a candura, a energia e a
gravidade, a tristeza e a submissão do genio nacional,
estão alli. Não é classico, nem romantico,— é tragico,
na bella e antiga accepção da palavra: superior ás
escholas e aos generos, dando a mão, por sobre Sha-

kespeare e Goethe, a Sophocles. N'um momento unico de genial intuição, Garrett viu por dentro o homem, e sentiu o palpitar das entranhas portuguezas. Que ouviu? Um choro de afflicções tristes, uma resignação heroicamente passiva, uma vaga, etherea esperanças de lyricos, celticos futuros — na imaginação de uma rapariga phtisica, e no tresvario de um escudeiro sebastianista.

Porquê o tom increpativo do vocabulo «imaginação» n'este trecho? E *tresvario*, porquê?

Em nota á primeira vez da palavra «sebastianista», Oliveira Martins manda-nos para a sua *Historia de Portugal*, l. V, 4.

Vamos; já na mesma inadequada terminologia de novella sensacional, esse livro V denomina-se *A Catastrophe*; e o n.º 4 do artificial folhetim, que se prejudica structivamente por artificioso na logica, é chamado *O Sebastianismo*.

Ahi lê-se:

Com os movimentos da intima psychologia collectiva, com a historia dos sentimentos inconscientes da nação, é que o observador póde penetrar no fundo das origens ethnicas, — por toda a parte encobertas com as superfetações successivas, das influencias estra-

nhas, da intervenção do acaso, da vitalidade das tradições.

E quando vemos que a alma religiosa da nação, retrahindo-se ao seu amago intimo, creando espontaneamente uma fé, ao lado do catholicismo, dogmatico e transcendente, imposto, importado, e mal definido nas consciencias: constroe essa fé com as materias conhecidas das antigas religiões naturalistas dos celtas; quando vêmos que D. Sebastião se transforma n'um rei Arthur, escondido na ilha viçosa dos bardos, — somos, com effeito, levados a suppôr que o elemento ethnicamente dominante nas populações — é um Portugal celta, pois que os seus ingenuos e espontaneos fructos tem a côr e a fórma dos productos d'essa raça.

Não é, porém, peculiar da gente celtica nem sequer a symbolica sonhada da ilha incognita; e já, sentindo a profundidade do conceito, Michelet, no seu lindo volume de *A Regencia*, apontava o recondito influxo d'esse nome magico, sempre de grandissimo effeito: *As ilhas*.

Das Hesperides a Robinson, todo o mysterio do mundo está nas ilhas. Lá, o thesouro escondido da natureza, o vello de oiro, ou o que vale o mesmo, os elixires de vida que se vendem a pezo de oiro. Para outros, é o amor, o livre amor que vive nas ilhas.

Sem fallar de Calypso, desde o seculo XVI que o franciscano Thévet, em as ousadas mentiras da sua cosmographia, nos conta dos amantes naufragados nas ilhas.

Graças á encantação de que dispunha em sua occulta sciencia, o homem primitivo podia mesmo dar nascença á ilha desejada, como quando, no quadragésimo terceiro runo do maravilhoso *Kalevala*, que nos facultou a versão prestigiosa de L. Léouzon le Duc, o heroe, pelo poder de sua magia, na crise, a faz surgir em meio do mar.

Então o vetusto Wainämoinem comprehendeu que a desdita o ameaçava, que sobre sua cabeça se ia emfim a levantar o dia fatal, e a si mesmo se perguntou como é que elle poderia viver, como é que elle poderia existir; depois tomou a palavra e disse: «Recordo-me ainda de um artificio, lembra-me um pequeno prodigio.»

E de um fuzil tirou um bocadinho d'isca, um bocadinho de pederneira, e, por de sobre seu hombro esquerdo, atirou-os ao mar, e disse: «Que d'elles nasça um escolho, que d'elles surja uma ilha encoberta...»

Se da epopea nacional da Finlandia e dos povos finnicos nos trasladamos a zonas mais

correntemente conhecidas, aferimos a noticia da boa ventura desfructada pela antiguidade classica no paraíso das ilhas beatas que em meio do oceano occidental sua phantasia dispunha; mas Edward B. Tylor, que, avocando-o, se reporta de Hesiodo, de Plinio, de Strabão, de Pindaro, par e passo, por Mariner, a que coteja Burton, archiva essa lenda de Tonga que refere o que passou á canôa que, de regresso das ilhas Fidji, foi tocada pela borrasca até Tolutu, a ilha mysteriosa situada ao noroeste de Tonga, em meio do Oceano. E a aventura então d'aquelle caçador algonquino, quando emfim lhe foi dado abordar á ilha benta e magnifica onde jámais não ha nem frio nem guerra nem sangue derramado, onde o alimento é o ar que se respira (Schoolcraft)?

Logo, na sua systematica indecisão typica, Oliveira Martins já se não satisfaz com a improvisação celtica e, segundo o seu methodo cauteloso, rumado a esquivar replicas, é elle-mesmo quem objecta á propria theoria.

Mas porque motivo, se no intimo fundo da alma

nacional ardia um fogo celtico, as suas manifestações foram sentenciadas a ser por tal fórma indecisas, quasi obscuras, nas epochas ordinarias da vida? . . . Porque fôra a vida da nação uma existencia pallida, incolor, sem character accentuado, nem phisionomia bem definida? Porque foram, nos seus melhores dias, os grandes homens como os heroes de Carthago, ou como os imperadores da Mongolia? E a sua religião, como o culto africano dos deuses da Orgia?

N'esta horrida cultualistica, com a nação solidarios estiveram seus grandes homens, e da responsabilidade moralmente assumida pelos imperantes participa o povo que representam.

Annotando o traduzido Limborch no lance onde descripção exara do que eram os autos-de-fé da Inquisição de Portugal, depara-se de Samuel Chandler explanação que convem, por nossa parte, vulgar fazer.

Aqui me não posso eximir a dar ao meu leitor uma conta mais particularisada d'estas execuções, tomando-a do dr. Geddes, que outr'ora foi testemunha presenceal do caso. Estes são os seus dizeres: « Mal apenas os presos se encontram nas mãos do magistrado civil que logo os carregam de grilhões á vista dos inquisidores, e sendo de primeira levados á audiencia secular, d'alli, dentro de uma ou duas horas,

os trazem á presença do supremo juiz, o qual, sem conhecer coisa alguma de seus crimes em particular, ou da prova que contra elles ha, lhes pergunta, a um por um, *em que religião pretendem morrer*. Se respondem que querem morrer na communhão da egreja de Roma, por elle são condemnados *a serem immediatamente levados á praça da execução e ahí a serem primeiramente estrangulados e depois queimados até reduzidos a cinzas*. Mas, se dizem que querem morrer na protestante ou em qualquer outra fé que contrariã seja á romana, são por elle sentenciados elles então *a serem immediatamente levados á praça da execução, e ahí a serem queimados vivos*.

Na praça da execução, que em Lisboa é a Ribeira, ha tantas estacas levantadas a prumo quantos são os presos para queimar, com boa quantidade de tojo secco á sua roda. As «estacas dos profitentes», como lhes chamam os inquisidores, podem deitar até quatro jardas d'alto, e teem uma curta banquetta, onde se ha-de sentar o preso, a meio de jarda do topo. Tendo os negativos e relapsos sido primeiramente estrangulados e depois queimados, o profitente sobe uma escada, entre os dois jesuitas que o acompanharam durante o dia todo, e quando teem chegado á altura do supramencionado banquinho, voltam-se para o povo, e os jesuitas gastam cerca de um quarto de hora a exhortar os profitentes a que se reconciliem com a egreja de Roma; os que se recusam, os jesuitas baixam e sobe o algoz; e, havendo desviado os profitentes para fóra da escada e para cima de seus assentos,

e estreitamente apertado seus corpos ás estacas, deixa-os, e os jesuitas sobem até elles uma segunda vez, a renovar-lhes suas exhortações, e por despedida dizem-lhes: *Que os abandonam ao Demonio, que lhes está á ilharga para lhes receber as almas e com elle leval-as para o centro das chammas do fogo do Inferno, tam prestes ellas fóra estejam de seus corpos.* N'isto alevanta-se um grande alarido, e mal apenas os jesuitas se encontram fóra das escadas, o grito é: *Façam a barba a esses cães, façam a barba a esses cães;* o que se realisa por empurrar molhos de tojo flammejante, atados a uma comprida vara, de encontro a seus rostos. E esta deshumanidade prolonga-se, em regra, até que os rostos d'elles estão feitos em carvão, e é sempre acompanhada de tam estrepitosas acclamações de jubilo como se não ouvem em nenhum outro ensejo: uma corrida de touros, ou uma farça são entretenimentos insipidos, topejados com tam deshumano tractamento inflingido a um heretico profitente.

Havendo sido d'est'arte feita a barba aos profitentes, ou estando elles escanhoados, como dizem jovialmente, deita-se fogo ao tojo, que está na raiz da estaca, e sobre o qual o profitente se encontra agrilhado tam alto que raramente a lingua da chamma vinga chegar mais acima do que a banquetta em que elles estão sentados; e, se acaso um vento corre a que essa praça mui exposta é, a chamma então raramente attinge tam alto como seus joelhos. De modo que, se o ar está sereno, os profitentes, por via de regra,

morrem dentro de meia hora, depois que se pegou lume ao tojo; mas, se o tempo se apresentar ventoso, então não morrem senão em hora e meia ou duas horas, e assim, na realidade, mais são assados do que queimados até morte seguir. Portanto, fóra do inferno não é possível que haja um mais lamentavel espectáculo do que este, additando-se que os pacientes (por todo o tempo que estão no caso de se exprimir) não cessam de clamar: *Misericordia por amor de Deus* [em portuguez no texto, com a versão *Mercy for the Love of God*]; todavia, tudo isto é contemplado pelo povo, de ambos os sexos e de todas as edades, com taes e tantos transportes de jubilo e satisfação quaes entre esta gente nenhum outro regosijo assim se lhe topa.

Quando Wilcox, que veio a ser bispo de Gloucester, era simplesmente ministro da feitoria ingleza de Lisboa, enviou uma carta ao então bispo de Salisbury, dr. Gilbert Burnet, datada de 15 de Janeiro de 1706, a qual confirma o relato atroz de Geddes:

Senhor meu,

Em obediencia ás ordens de Vossa Senhoria, de 10 do passado, por este correio envio tudo quanto aqui se imprimiu com respeito ao ultimo *Auto-de-fé*. Eu vi todo o procedimento, que foi conforme ao que anda publicado por Limborch e outros sobre este assumpto.

Das cinco pessoas condemnadas, unicamente quatro ó que fôram queimados; tendo-se, por uma insolita dila-toria, Antonio Tavares salvo após a procissão. Hey-tor Dias e Maria Pinteira fôram queimados vivos e os outros dois préviamente garrotados. A execução foi crudelissima. A mulher esteve viva nas chammas meia hora, e o homem para cima de uma hora. O actual rei e seus irmãos estavam assentados em uma janella assás perto para que se lhe dirigisse, por con-sideravel tempo, em commoventissimos termos o ho-mem que estava sendo queimado. Mas, se bem que o favôr que elle supplicava fôsse unicamente de al-guns poucos mais feixes de lenha, ainda assim não foi capaz de o obter. Àquelles que aqui queimam vi-vos, fazem-os sentar n'um banco a dez pés d'alto ata-dos a um pau, e seis pés ao de sobre a rima da le-nha. Pois que o vento era um todo nada esperto, a parte posterior do homem estava perfectamente destruida, e, como se voltasse, suas costellas abriram-se antes que elle deixasse de fallar, visto que o fogo era reparado á medida que o paciente se ia desfazendo, em modo a que o conservasse justamente no mesmo grau de calor. Todas as suas supplicas, porém, não poderam alcançar-lhe uma mais larga razão de lenha para en-curtar sua miseria e despachal-o emfim.

Para mim tenho que inteiramente se en-ganou Oliveira Martins suppondo a vigencia d'este mclochismo com uma indifferença por

um catholicismo importado; de melhor aviso se me antolha o juizo de Buckle com respeito á legislação visigoda na aversão judaica.

E cuida que confundiu Oliveira Martins o sebastianismo com a credulidade nos falsos D. Sebastião apparecidos; de modo que Dom João de Castro, elle mesmo, no fim da vida, esperando da India o regresso do seu rei, já assignala as motejantes duvidas com que o affrontam.

Dizer isto inclue repellir a categorisação do *Frei Luiz de Souza* como a tragedia sebastianista; uma méra consideração bastaria a affastar esse conceito: — é o proprio regresso do romeiro. Tudo se cifra n'uma contagem chronologica; e por aqui vê o snr. Joaquim de Araujo a illusão que a meu respeito lhe dictou o seu reparo no *Conimbricense*.

Com todo o fogo da sua phantasia poetica (que o turbilhonava na rhetorica da apologia da corrida de touros) Edgar Quinet, em o ponto, não desaferra da realidade. No drama elle toca os motivos humanos dos personagens capitaes:

Um resto d'incerteza sobre a morte do seu primeiro esposo envenena todas as suas alegrias; esse

presentimento, sustentado pelas crenças populares que ácerca d'esse objecto existiam, transforma-se n'um invencivel terror. João de Portugal acaba, com effeito, em, sob os trajos d'um peregrino, reaparecer.

Mas Quinet partira da positividade que permite, para a volta, a possibilidade:

João de Portugal, um dos companheiros do rei Sebastião, foi deixado com elle por morto na batalha d'Alcacer-Kébir.

Consoante o faz Oliveira Martins, no seu mau-gosto, que coexiste com a sua disposição artistica, não será exorbitante chamar a Dom João de Castro, « primeiro apostolo do sebastianismo », o *S. Paulo da religião portugueza*, como se a religião portugueza deixasse de ser jámais um africano catholicismo?

E que tem o *Frei Luiz de Souza* com o sebastianismo-sebastianismo?

O sebastianismo-sebastianismo é aquella crença insensata que nos fixa, para deprimenmente nos catalogar, Chamfort.

Este azedado não gostava de nós-outros; dizia que, se tirassem ao hespanhol as qualidades boas que elle possue, o que ficava era o

portuguez. E conservou essa anedocta de que, perguntado em Paris lord Tirawley, embaixador de Inglaterra em Lisboa, o que pensava de Portugal e dos portuguezes, elle retorquirá: — O que é que se ha-de pensar de um povo a metade do qual está á espera do Messias e a outra metade á espera de um rei chamado Sebastião *que morreu ha duzentos annos?*

*

A «Bibliotheca Positivista ou Systema de Leituras aconselhado por Augusto Comte» depare-se-nos na capa da reedição, pelo fundo typographico da execução testamentaria do philosopho, do tomo primeiro — unico publicado — da *Synthese Subjectiva*, em 1900 (Anno CXII da Revolução Franceza e XLVI da Era Normal). Ahi, na secção da Historia, registra-se o conselho da leitura da *Vida de Cromwel*, a qual entre parentheses se marca «a fazer.»

Fêl-a Carlyle. E Taine nol-a interpreta:

Esta historia de Cromwell, a sua obra-prima, não passa de uma reunião de cartas e de discursos commentados e juntos por um relato continuo. A impres-

são que deixa é extraordinaria. As graves historias constitucionaes enlanguecem ao pé d'esta compilação.

Taine, porém, quereria que essa fôsse a regra geral.

Eu desejaria que toda e qualquer historia fôsse, como esta, uma escolha de textos munidos d'um commentario; por uma historia assim similhante daria eu todos os raciocinios regulares, todas as bellas relações descoloridas de Robertson e de Hume. Ao lêl-a a esta, posso eu verificar a apreciação do auctor; deixo de pensar pela cabeça d'elle mas sim por mim mesmo penso: o historiador não se colloca entre mim e as coisas; vejo um facto, e não a narrativa de um facto; o envolvero oratorio e pessoal com que a narrativa recobre a verdade desappareceu; em a verdade posso-lhe tocar eu-proprio.

*

Mas n'este preambulo era minha ideia ampliar umas tantas analyses e desmascarar certas physionomias, como no intuito philojudaico do antisemita apparente Vicente da Costa Mattos, como na destrinça do pouco copernicano mytho oriental. Se Rabbe viu na lei

mental o nódulo já da reserva casuística do jesuitismo ; se a *Arte de furta*r nos revela o processo inicial do roubo moderno da *chantage*, ao divino para com o christão-novo ; se as *Reflexões sobre as Noticias reconditas*, indicando o auctor e reportando-se do padre Antonio Vieira, são flagrantes, p. ex. no § 56 para com Innocencio XI (em os n.^{os} X, XVI, XVII): não se deduzza contra a certeza da sentença inquisitorial no que concerne á fé da victima ; discretei no meu exilio a proposito com o snr. Cardozo de Bethencourt (a quem devo a admissão na aristocratica « Bibliothèque Nationale » da semi-republica) ; e d'este erudito vejo um artigo (*The Jews in Portugal from 1773 to 1902*), de Janeiro do anno findo.

Seria bem. Todavia devera redigir, de introito, outro volume agora?

*

Para a confecção d'este cumpre-me agradecer os subsidios com que me obsequiaram o snr. L. Delisle, da Bibliotheca Nacional de Paris, e o snr. J. M. Hillesum, conservador

da «Bibliotheca Rosenthaliana», Amsterdam. Agradecimento devo tambem á nossa Bibliotheca Martins Sarmiento, de Guimarães; bem como ao meu distincto companheiro de juventude litteraria, snr. Joaquim de Araujo.

Porto, Março, 1904.

JOSÉ PEREIRA DE SAMPAIO.

I

A FÉ E O IMPERIO

E' caso interessante que se não haja, n'estes nossos modernos dias (aliás tam intromettediços, rebuscadores e mexeriqueiros), ninguem lembrado de tentar um ensaio critico geral cujo objecto se determinaria immediatamente com dizer-se que elle fôsse a *theoria do problema*. Se a tal algum esmiuçador se abalançasse, elle depararia, com imprevisto espanto, que succede, mórmente nos dominios historicos, multiplicarem-se as soluções divergentes para um proposto problema, o qual, comtudo, não existe!

Assim, para comnosco, hespanhoes e portuguezes, acontece no respeitante ás causas da decadencia dos povos peninsulares nos tres ultimos seculos. Este foi o thema da conferencia famosa de Anthero de Quental nas salas do Casino Lisbonense; e annos volvidos, discorrendo da historia da civilisação iberica, Oliveira Martins, com assegurar que d'esse discurso a «idéa-

mãe» se «lhe affigura incompleta e insustentavel á luz da historia» e tendo tractado, por sua banda, de buscar n'uma chimerica reacção das forças naturaes contra o heroismo as verdadeiras causas da decadencia dos povos peninsulares, contractamente define a sua doutrina particular com escrever: «Se quizermos resumir em poucas palavras as causas da desorganisação da sociedade peninsular, achamos tres que nos dão a chave do problema: o Individualismo, o Jesuitismo e as Conquistas».

O que ha de original n'esta concepção de Oliveira Martins é a sua metaphysica interpretação do individualismo iberico, conjectura indecisa, nebulosa e quasi que inatingivel, no seu sabor hegeliano. O resto estava dito quer no discurso de Anthero de Quental, quer nas obras systematicas como as hespanholas de Adolfo de Castro e Pedregal modernamente, quer nas historias philosophicas como a de Tapia.

Com os assertos d'esta assás se aproveitou o intellectivo Buckle, em seu exclusivismo antisentimental e amoralista.

De feito, entre as theorias explicativas da decadencia dos povos peninsulares, discriminando préviamente o character do intellecto hispano-portuguez, avultou, pela subitaneidade de sua originalidade, a d'esse inglez frio e logico, da qual, porém, motejara, com bom-senso, um critico anonymo da *Revista de Edimburgo*, que informa os seus leitores de que o dito snr. Buckle «sustenta que os tremores de terra e as erupções vulcanicas são mais frequentes na Italia, na

Hespanha e em Portugal do que em qualquer outro paiz; d'onde conclue, por uma singular serie de raciocinios, que a superstição reina n'esses paizes mais do que nos outros e que o clero é n'elles mais poderoso, e, por outro lado, que as bellas-artes n'elles florescem, que n'elles se cultiva a poesia e que se descursa a sciencia. Cada annel d'essa cadeia de raciocinios é, mais ou menos, mau; não ha vulcão na Hespanha, e o unico tremor de terra conhecido que se haja declarado na península foi o de Lisboa.»

Muito se enfada Buckle contra este jornalista anonymo; elle jacta-se dos annos de estudos constantes e conscienciosos a que se entregou antes de redigir sua obra. E, comtudo, o jornalista anonymo é quem tem razão.

Se Buckle conhecesse um tanto a litteratura portugueza, ella lhe forneceria cabal testemunho de que a superstição que se baseia no pavor do terramoto encontrou sempre a contrarestal-a a opposição do bom-senso. Buckle observaria que foi precisamente o terrível terramoto de Lisboa que iniciou o periodo de positividade que se define pela preponderancia de Pombal; e o insigne preambulador da historia da civilização na Inglaterra colheria noticia da carta que já Gil Vicente mandara, de Santarem, ao rei D. João III, estando este em Palmella, sobre o tremor de terra que fôra a 26 de janeiro de 1531, e contra os frades que affirmavam á gente que aquillo não « fosse curso natural. »

D'onde a onde, abalos de terra veem sobresaltar

as repousadas confianças. Lá-fóra ultimamente tem-se trabalhado com afinco em registrar todas as observações colhidas concernentemente a tam espantoso phenomeno natural. Assim, annunciou-se em Novembro de 1900, de Turim, que após as investigações de Perrey e a publicação da monographia de Mercalli sobre os terremotos d'Italia, os estudos sismicos tambem n'aquelle paiz haviam recebido galhardo impulso. Faltava, porém, notava-se, uma obra que recolhesse, coordenasse e discutisse as memorias esparsas, as noticias aqui e alli publicadas em obras varias de litteratura e de historia, em revistas especiaes, em actas academicas, em jornaes politicos, em opusculos ao presente tornados raros.

Foi esta lacuna que, na litteratura scientifica italiana, veio preencher o livro de Mario Baratta *I terremoti d'Italia*, grosso volume in-8.º, que modestamente se subintitula como nada mais sendo do que um simples «ensaio» de historia, geographia e bibliographia sismica italiana.

O trabalho do dr. Mario Baratta, os irmãos Bocca que o editaram, ao publico apresentando-o, lhe disseram que está dividido em tres partes. Na primeira o estudioso encontra uma particularisada, monographica chronhistoria de 1364 terremotos, isto é, dos maiores paroxysmos endogeodynamicos occorridos em Italia desde o anno primeiro da Era vulgar até todo o transcurso de 1898. A segunda, que comprehende o estudo de cada um dos districtos, constitue um esboço, tanto quanto possivel completo, de chorographia sis-

mica. A terceira, finalmente, contem uma riquissima bibliographia de passante de 1600 escriptos respeitantes aos terramotos italianos. As duas primeiras partes são illustradas por 136 sismocartogrammas, mappas estes expressamente elaborados para similhante volume, que os livreiros editores fornecem ou em brochura ou asseguram que elegantemente encadernado, com artisticos ornatos mas sob pena de mais duas liras de desembolso.

Sem artisticos ornatos, limpa mas chã, é a edição, em Lisboa feita, na officina de Antonio Vicente da Silva, no anno de 1758, da *Historia universal dos terremotos, que tem havido no mundo, de que ha noticia, desde a sua criação até o seculo presente*, por Joaquim Joseph Moreira de Mendonça. E' um volume de 272 paginas, afóra o prologo e as licenças respectivas, e comprehende uma narração individual do terramoto do primeiro de Novembro de 1755, e noticia verdadeira dos seus effeitos em Lisboa, todo Portugal, Algarves e mais partes da Europa, Africa e America aonde se estendeu. Contem, finalmente, uma dissertação physica sobre as causas geraes dos terremotos, seus effeitos, differenças e prognosticos; e as particularidades do ultimo.

Do Paço, a approvação é do R. M. P. M. João Chevalier, da Congregação do Oratorio, correspondente da Academia Real das Sciencias de Paris, e Academico da Real Sociedade de Londres. Com respeito á final dissertação pela qual remata seu trabalho o *douttissimo Author d'esta obra*, dá-o como «investigando

depois com profundo conhecimento da melhor Fisica as diversas causas destes pasmosos Fenomenos.» Do Santo Officio, na sua approvação, o M. R. P. M. Fr. João Evangelista diz ao lance: «Na Dissertação Physica sobre os Terremotos, propõem hum systema, certamente o mais verosimil, e provavel, e o expende com razões tão solidas, e convenientes, que quando discorria dos Terremotos, parece estava vendo com olhos de Lince formar nas cavidades da terra aquelles fenomenos.» A' nossa primeira vista, estes dizeres é que parecem inquinados de peçonha de sarcasmo; elle seria descabido em tam luctuosa hora. Não o havia; o que havia era o mau-gosto do estylo empolado do tempo. A todas as vistas de então, estava perfeitamente bem.

Um pouco mais naturalmente, o outro qualificador, fr. Manoel do Espirito Santo, escreve, no thema: «Vendo... a Dissertação Physica com mayor perfeição exposta, e addicionada com a clara, e evidentissima demonstração das cousas naturaes, e differentes effeitos dos Terremotos, ficarão os Sabios no perfeito conhecimento, de que o Author he igualmente Philospho completo, como Historiador consummado, sem offender as catholicas determinações de nossa Santa Fé.»

Não julgaria assim o infeliz padre Gabriel Malagrida, da Companhia de Jesus; e não estará mesmo erro typographico onde na approvação de fr. Manoel do Espirito Santo se lê *cousas naturaes*? Não será *causas naturaes*?

O padre Gabriel Malagrida figura no *Diccionario bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva como auctor do opusculo, por elle escripto em portuguez: *Juizo da verdadeira causa do terremoto que padeceu a côrte de Lisboa no 1.º de Novembro de 1755*. Impresso em Lisboa, por Manoel Soares, em 1756, 4.º de 31 pag., é, consoante o registra Innocencio, uma declamação exhortatoria, dirigida á cidade de Lisboa, em que aquelle desastre é attribuido á ira de Deus, provocada pelos peccados dos naturaes e moradores do reino, principalmente da côrte, persuadindo á emenda d'elles, etc. Este papel foi prohibido por edital da Meza Censoria de 30 de Abril de 1772, e mandado queimar pelo algoz, o que se effectuou com toda a solemnidade na praça do Commercio. «Creio (escreve Innocencio) que poucos exemplares escaparam á proscripção, e por isso é hoje raro de achar.» Isto dizia Innocencio em 1859.

Porém agora a leitura do opusculo do malafortunado encontra-se com facilidade, visto como Camillo Castello Branco o republicou, intercalando-o no prologo que redigiu para a sua versão da *Historia* do padre Gabriel Malagrida, da Companhia de Jesus, pelo Padre Paulo Mury, da mesma Companhia.

Ahi, o padre Malagrida é preciso e categorico. Escreve, dos terremotos e das suas explicações physicas: «Parece-me que mesmo o demonio não podia excogitar doutrina mais conducente á nossa irreparavel ruina do que ensinar esta naturalidade tão innatural, assignando serem pelos symptomas das causas segundas e

naturaes estes flagellos que experimentamos, ficando nós, com estes systemas, mais empedernidos nas injurias e desprezos da causa primeira, perseverando nós como d'antes no nosso pratico atheismo.»

Não era elle o unico a pensar d'esta maneira. Como elle, outro escriptor (esse nosso portuguez) fazia depender o terramoto dos peccados dos portuguezes. Mas eis um contraste curiosissimo. Emquanto o italiano suppõe o terramoto succedido por nós sermos pouco-catholicos, o portuguez succedido o suppõe por nós não sermos protestantes.

Gabriel Malagrida quer «que todos fizessem a Deus, para alguma satisfação, o sacrificio de se retirarem, por seis dias sequer, na casa dos exercicios.»

O que é que (de bem melhor, por certo) queria que os portuguezes fizessem o cavalheiro de Oliveyra?

Que queria?

Disse-o expressamente no seu livro *Pathetic Discourse on the present Calamities of Portugal*, 4.º, Londres, 1756. Obra é esta que está em francez, em 1762, em Londres («imprimé par J. Haberkorn, dans Graston-Street, Soho: & se vend chez W. Nicoll, dans St. Paul's Church-Yard»):— *Discours pathétique au sujet des calamités présentes, arrivées en Portugal*. E' endereçado a seus compatriotas e particularmente a Sua Magestade Fidelissima José I, rei de Portugal, pelo Cavalheiro d'Oliveyra, como é modo chamar ao «Cavalleiro Propheço da Ordem de N. S. Jesus Christo», auctor das cartas, familiares, historicas, politicas e criticas, discursos serios e jocosos, republica-

dos por Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara na Bibliotheca Portugueza, destinada, consoante seu subtítulo, para a reprodução dos livros classicos lusitanos.

Na noticia de Francisco Xavier de Oliveira, por Cunha Rivara appensa ao terceiro volume d'esta reedição, ao lance do rarissimo opusculo, escreve elle: « Não nos foi possivel ver exemplar algum d'esta obra; e apenas conhecemos seu conteudo pelo summario, que della fez a sentença do Santo Officio quando a condemnou e a seu auctor ».

Eis o que diz a sentença:

« Que o auctor se empenha em persuadir a S. M. que seja protestante e todos os seus vassallos como elle é; e que deixem os erros em que até agora viveram em materia de religião; tendo por fabuloso o Purgatorio, e por superstição os suffragios, que se fazem pelas almas. Reprova tambem a prohibição da Sagrada Biblia em vulgar; *pretende e pede a S. M. F. queira destruir inteiramente o Tribunal do Santo Officio, do qual e de seus ministros sente mal, proferindo contra elles palavras execrandas e injuriosas*; e da mesma sorte contra os Summos Pontifices tratando-os de adulteros, sacrilegos, impios e atheistas, incestuosos e simoniacos; não reconhecendo o reinante Pastor Universal da Igreja: *e roga a El-Rei ponha em liberdade os judeus*. Diz mais que o terramoto, que se experimentou n'este Reino, procedera da indignação da Justiça divina pelo modo, com que em Portugal se dirigem os homens a Deus, o qual é o mais detestavel de todos, porque o invocam supersticiosamente e com idolatria, violando os seus mandamentos, e transgredindo a sua lei, como fazem todos os catholicos romanos, e com mais excesso os portuguezes, porque á força de devoções, de sacrificios horriveis, e orações vãs caem na superstição mais injuriosa e na idolatria mais grosseira. Pretende abolir o culto das Imagens dos Santos, que diz ser prohibido

pelo mesmo Deos, e que por isso fôra maior a ruina nos templos, aonde aos Santos se offerecia supersticioso culto, e em tempo que os portuguezes fazem maiores suffragios pelas almas, que suppõem no Purgatorio, sendo tudo chimerico e imaginario, forjado pela cubiça dos sacerdotes, para tirarem do povo dinheiro inutil e ridiculamente para missas pelas almas, que não necessitam dos nossos suffragios. Conclue com uma carta para S. M. F., outra para o Serenissimo Senhor Infante D. Manuel, outra para o Secretario de Estado, e outra para a Academia Real, rogando que o ajudem no seu intento».

Para com o modelo francez da rarissima obra, prestou o snr. Joaquim de Araujo o serviço que para com o folheto do padre Malagrida cumprira Camillo Castello Branco.

Em 1893, editor Joaquim da Costa Carregal, sahia dos prelos da sua Typographia Occidental uma reproducção *fac-simile*, de comprovação typographica do snr. Julio Brandão, conforme o registra, na Nota bibliographica com que remata essa reproducção, o snr. Joaquim de Araujo, o qual começa assim a sua referida nota bibliographica: «A presente edição reproduz, em *fac-simile*, linha a linha, o famoso pamphleto, que deu aso a que, no auto-de-Fé de 20 de setembro de 1761, fosse conduzida ao queimadeiro a effigie de Francisco Xavier de Oliveira, condemnada a desaparecer no mesmo fogo crepitante, que devorou o enfraquecido corpo do malaventurado Gabriel Malagrida.»

Em 1855, Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, na sua noticia de Francisco Xavier de Oliveira (derivando dos seus *Discursos patheticos*) escrevera: «Foram pois estes o corpo de delicto para o processo

e final sentença, que condemnou o auctor por convicto, negativo, e revel a ser *relaxado* (que em linguagem de Santo Officio equivale a *queimado*) *em estatua*, já que o não podia ser *em carne* por se achar ausente em Londres; sentença, que foi executada no Auto de Fé, celebrado em Lisboa a 20 de setembro de 1761, o mesmo, em que foi queimado vivo o celebre Padre Malagrida.— Rara coincidência! Saírem condemnados no mesmo Auto o chefe do partido dos devotos, e o maior adversario delles!»

E mais rara coincidência ainda, antes flagrantissimo contraste, com a união dos contrarios na atrocidade commum para elles, — em um momento de sua sentença condemnatoria, pelo mesmo *crime*: o de attribuirem o terramoto de Lisboa não a causas segundas, mas á causa primeira; não a causas naturaes, mas á causa transcendente, á causa das causas.

Para o padre Gabriel Malagrida como para o cavalheiro de Oliveyra, o motivo do terramoto foi a ira de Deus contra os portuguezes peccadores. Expressam-se quasi pelas mesmas palavras, de increpação tremenda, de ineffavel esperança.

« Com ser ferro, fogo a espada destinada ao exterminio dos peccadores, póde com o beneficio da penitencia (exclama o jesuita) trocar-se em chave para abrir, aos que *Humiliant animas suas*, os thesouros da misericordia; porém como ha-de entrar n'estes cuidados e empenho o povo mais duro e rude nos seus vicios, e ouvirem os que dizem, asseguram que estas calamidades são puros effeitos das causas naturaes, e não

vinganças de um Deus indignado e ferido no mais vivo da sua honra pela obstinada perfidia dos peccadores?»

A *espada* que a eloquencia biblica de Malagrida vibra contra a humana prevaricação, o cavalheiro de Oliveyra vê, em sua biblica eloquencia, que Deus contra o peccador a afiou, *a aiguisé son épée* (no texto francez), *has unsheath'd his Sword* (no texto inglez), um e outro derivados do v. 3, annota, ou seja 12, do Ps. VII.

Grand Dieu! O Toi qui es le Père des miséricordes! Que tous les Fidèles et les Justes m'aident ici à te supplier, de mettre (exclama o protestante) en usage le nombre infini de tes compassions, et l'abondance incompréhensible de tes gratuités! Exauce-nous, ô Eternel, tourne ta face vers le Portugal! Daigne, ainsi que tu l'as accoutumé, avoir pitié des misérables, et ne point mépriser les affligés dans leur détresse.»

Sómente o padre Malagrida, olhando para a capital, e aconselhando seus habitantes a retirarem-se, por seis dias sequer, na casa dos exercicios, lamenta-se de vêr «n'esta dominante tão vasta e tão catholica, tanto aborrecimento a elles que a Companhia, de que o mesmo Deos fez propria esta administração, muito mais que as outras sciencias e ministerios, tendo tantas outras casas, não chegou ainda a ter uma casa bem estabelecida para este effeito.»

Emquanto que o cavalheiro d'Oliveyra, para a capital olhando, uma casa vê elle horriavelmente bem

estabelecida, que lhe faz levantar o grito da indignação até o ceu; e essa é

Haec maledicta Domus, furibunda imago Gehennae,

consoante aos inquisidores lhe brada, vulgarizando uma vehemente accusação, contra o abominavel e funestissimo tribunal do Santo Officio formulada em uma poesia latina, da lavra, diz, de um «savant Compatriote.»

Assim, para applacar a colera divina, o cavalheiro d'Oliveyra, n'um rapto, sublime pela ingenuidade leal e generosa, aos proprios inquisidores se dirige e para a resurreição dos nobres sentimentos humanos, n'elles afogados pelo fanatismo, desvairadamente, por um instante, appella:

«Convaincus enfin que le Tribunal de l'Inquisition est injuste, cruel, tyrannique, travaillez les premiers à le renverser, à l'abolir, et à l'anéantir pour toujours.»

Viu-se como os inquisidores lhe fizeram a vontade e lhe aproveitaram a licção, queimando-o em estatua, já que o não podiam queimar em carne e osso, conforme com melancolico gracejo o inscreve Cunha Rivara. Este commenta, noticiando: «Como é de presumir, esta sentença, e esta execução não reconciliaram a Francisco Xavier d'Oliveira com a Egreja Catholica; antes o incitaram a replicar do seu retiro de Londres com um novo opusculo intitulado — *O Cavalheiro d'Oliveira queimado em estatua por hereje.*

Como, e porque? Anedoctas e reflexões sobre este assumpto, dadas a publico por elle proprio.»

Dirigindo á Nobreza e ao Povo de Portugal, dirigindo aos *Familiars* do Santo Officio a sua «triste e debil voz», elle commove-nos, escrevendo: «*J'entreprends cette pénible tâche, dans un temps où ma tête blanchie, ma main tremblante, et mon corps usé par les souffrances, vous sont de sûrs garants, que sur les bords du sépulcre, il ne peut entrer dans cette démarche aucune vue d'intérêt de ma part.*» Tão só o movia o estimulo santo de contribuir, com todas suas forças, para a salvação d'aquellas almas, crueis ou cegas: perdidas.

Mas Francisco Xavier de Oliveira, como todo o bondoso, era nativamente alegre. Festejou, pois, a sua queima em Lisboa registrando que aquelle dia em que os seus compatriotas o deitaram ao fogo fôra por acaso precisamente o dia em que mais frio sentira em toda a sua vida. E' triste isto, no fim!

Quanto ao jesuita, proecto e tonto, estrangularam-o primeiro, queimaram-o depois. E' uma das infames nodoas do marquez de Pombal, que as tem infamissimas.

Um juiz, para nós-ouros insuspeito, julgou, de resto, o processo do padre Malagrida. Ahi, *l'excès du ridicule et de l'absurdité fut joint à l'excès d'horreur.*

Quem disse assim?

Foi Voltaire.

Por não ser estrictamente rigorosa, vê-se que a passagem do *Seculo de Luiz XV* a citou de memoria

Francisco Luiz Gomes, em a *esquisse de sa vie publique*, concernente a *Le marquis de Pombal*. Porém, dos modernos biographos de Sebastião José de Carvalho e historiadores da sua epocha, é instructivo que nenhum, nem Gomes nem Luz Soriano, do ensejo do estrangulamento e queima de Malagrida tragam á collação o supplicio irrisorio do cavalheiro de Oliveyra. Todavia, esta farça tem alcance. Porquanto mostra (sem embargo da decadencia de seu prestigio) o poderio ainda gozado pela Inquisição. O tribunal ecclesiastico humilha-se perante a vontade prepotente do estadista e infama o sacerdocio, na condemnação do jesuitismo, pela ignominia do jesuita. Mas logo ao estadista o humilha a elle, não só cobrindo de opprobrio o seu amigo exilado, que do desterro em carta, na vituperada obra impressa, se jactava de haver em Londres usufruido de suas deferencias; mas ainda fulmina as censuras ás libertinas exprobações contra o fanatismo e a superstição, de par e passo que ao padre victimado o inculpa, não obstante, por meros e exclusivos peccados theologicos e dogmaticos, heterodoxos no tom e na essencia.

Quanto á obra de Francisco Xavier de Oliveyra, o catalogo para o leilão da livraria de José de Almeida Campos filho (Porto, 1897) revelou a existencia d'uma edição de 1757, *suivant la copie de Londres*, em francez, e com o titulo, na verdade, no plural *Discours pathétiques* etc. O catalogo esclarece: «Esta edição tem mais do que a de Londres de 1762 um «Extrait d'une lettre de Lisbonne», que vai da pag.

84 a 88, e é desconhecida dos nossos bibliographos.»

Mas o criterio meramente naturalista persistia e roborava-se, como o attesta, em 1770, a obra posthuma de Mathias Ayres Ramos da Silva de Eça, inquirendo do *Problema de architectura civil*, a saber por que rasão os edificios antigos tinham e teem mais duração do que os modernos, e estes por que rasão resistem menos ao movimento da terra, quando treme?

Revertendo á theoria, a essencia do grave engano do conceito de Buckle está em que, por ser, como é, *profundissimo*, elle implicitamente julga o effeito moral do terramoto como sendo *duradouro*. Ora, «é felicidade que as molas da nossa alma não possam conservar-se assim distensas mui longo tempo», annota, no desfecho de excellente estudo ácerca do temeroso phenomeno, o illustre Alexandre de Humboldt. Elle, em seu *Cosmos*, remata asseverando que, «graças a um longo habito e á opinião espalhadissima de que ha, tão só, dois ou tres abalos desastrosos a temer por seculo, os tremores de terra não causam em Lima mór inquietação do que a queda da saraiva na zona temperada.»

Uma linda noite de juventude, eu e João Chagas, sahindo do theatro lyrico, após o trabalho do jornal e depois de ceia, recolhiamos, cada môcho a seu suto, trauteando, vae lá isto ha seus bons dezoito annos.

Na esteira da suggestão do italiano de Eça de Queiroz e popularisada pelas ocarinas dos tyrolezes,

a geito da voz, fresca e clara, de Luiza, ao piano, na *Mandolinata*:

Amici, la notte é bella,
La luna va spontari...

Ou, com analogo certo esforço aspero, nos *altos* da melodia:

Di cà, di là, per la città,
Andiamo a transnottari...

Quando nós eramos moços!

De repente, ouvimos um cavo rugido ululante, dos taes *bramidos y truenos subterraneos*, por assim dizer classicos; e sentimos, subita, a vertigem da oscillação extensa do solo. Seriam duas horas da madrugada; pouco tempo antes, houvera um prolongado e intenso tremor de terra, pelas sete e meia da manhã.

Lendo ao depois Buckle, as suas conjecturas pareceram-me chimericas. Porque, assim como o aniquilamento moral do homem é *completo* durante a oscillação, assim *instantaneamente* a sua lembrança se dissipa logo no momento immediato áquelle em que o abalo deixou de se fazer sentir.

Não póde, pois, ser este o motivo explicativo da fanatica superstição iberica; mas, na verdade, o traço dominante do character hispano-portuguez foi o d'uma religiosidade sem contemplação.

Atrocissimas negrejaram as lusitanas culpas a pro-

posito, quaes as com que a ferocidade horrenda d'um fanatismo intolerante, insensibilizando os corações, ultrajara a humana piedade.

Mouros, gentios e judeus, os submetterá Portugal ao flagello abominando d'uma superstição implacavel e, na furia de suas diabolicas perseguições, excedera a meta da tradicional crueldade.

Porém ao judeu o constituimos, especificadamente, na victima preferida; e assim é que, em particular contra nós, piedosamente, á atormentada gente judaica se dá ao dever de a confortar em o transe terrivel R. Samuel Usque, natural de Lisboa, no seu livro, escripto em portuguez, *Nahon Israel*, isto é *Consolação de Israel*, e continúa: *Consolação ás Tribulações de Israel composto por Samuel Usque. Impresso em Ferrara em casa de Abrahão Aben Usque, da Creação 5313 (de C. 1553), 27 de Setembro.*

Este livro é rarissimo; ha uma edição de Amsterdão, de caracteres redondos.

A de Ferrara é impressa em caracteres gothicos; o prologo exhibe esta epigraphe: *Da ordem, e razão do livro Prologo. Aos Senhores do desterro de Portugal.* «N'elle (assim nos informa Antonio Ribeiro dos Santos) expõe o auctor a sua idéa na composição d'esta obra, que foi consolar os judeus, seus contemporaneos, na magoa, em que estavam, de haverem sido desterrados de Portugal, trazendo-lhes á memoria outras muito maiores calamidades, que haviam experimentado os seus antepassados; e para isto se propoz recontar, um por um, todos os trabalhos e desventu-

ras com que os judeus haviam sido maltratados em todas as edades.»

Até ás lagrimas nos commove a firmeza no parentesco moral com a patria que os repudia, quando attentamos no motivo pelo qual Samuel Usque escreveu a sua obra em portuguez. É porque, diz elle, *sendo o seu principal intento fallar com portuguezes e, representando a memoria d'este seu desterro, buscar-lhes, por muitos meios e longo rodeio, algum allivio aos trabalhos que passavam, desconveniente era fugir da lingua que mamara e buscar outra emprestada, para fallar a seus naturaes.*

Em sua *Nomologia* («ò discursos legales, compuestos por el virtuoso H. H. Imanuel Aboab D. G. M., segunda edicion, coregida y emendada por Raby, Dr. Ischak Lopes. En Amsterdam. A.º. 5487»), o inscripto auctor rememora Usque e seu tractado, n'aquelles *amargos destierros*; mas copiosamente d'esses tristes relatos se serviu o medico, d'Avignon, a quem a leitura da obra portugueza de Samuel Usque (*Consolaçam as tribulacoens de Ysraël*) suggeriu a idéa de, ás varias perseguições dos judeus, as reunir em uma collecção especial, exclusivamente consagrada aos soffrimentos do povo judaico. D'esse pensamento nasceu o livro (*Emek Ha-Bakha* ou *O Valle das Lagrimas*), do qual o texto hebraico foi estampado em Vienna, em 1852, por Letteris, vindo seguidamente, em 1857, por esta edição a fazer Wiener uma traducção allemã. Em 1881, em Paris, publicava Julien Sée a sua versão franceza.

O livro de Samuel Usque consta de tres dialogos; e Antonio Ribeiro dos Santos, «para dar mais largas idéas d'esta obra», fornece-nos o resumo ou summario das materias capitaes d'aquellas tres palestras.

Ora, quando disserta sobre a presupposta decadencia dos povos peninsulares, Oliveira Martins pondera que, contra os heterodoxos, «nos fins do reinado do Principe-perfeito o ardor era já tanto que se propunha o plano de colonisar S. Thomé com os filhos dos judeus.»

E, d'entre os innumerados lances pungitivos do livro de consolação, destacam-se-nos, no summario do Dialogo III, estas linhas inquietadoramente tragicas: *Quando mandaram os meninos dos judeus á Ilha dos Lagartos em Portugal.*

Sabe-se da *entrada dos judeus de Castella em Portugal*; e não se ignora do mal que veio aos que se embarcaram para terra de mouros.

No fito do transe, o cortezanesco Garcia de Resende, na sua *Chronica dos valerosos e insignes feitos d'el-rei Dom João II, de gloriosa memoria, em que se refere sua vida, suas virtudes, seu magnanimo esforço, excellentes costumes e seu christianissimo zelo*, é seccamente sobrio. No capitulo CLXXVIII, narra *De como el Rey mandou á Ilha de Sam Thome os moços que foram judeus*, poisque, no anno de quatro centos e noventa e tres, em Torres Vedras, dera o monarcha a Alvaro de Caminha, cavalleiro de sua casa, a capitania da ilha de S. Thomé, de juro e de herdade, com cem mil reis de renda cada anno,

pagos na casa da Mina. «E porque (tranquillamente addita Garcia de Rezende) os judeus castelhanos, que de seus reinos se não sahiram nos termos limitados, os mandou tomar por captivos, segundo a condição da entrada, e lhes tomou os filhos e as filhas pequenos, que assim eram captivos, e os mandou tornar todos christãos, e com o dito Alvaro de Caminha os mandou todos á dita ilha de Sam Thomé, para que, sendo apartados dos paes e suas doutrinas, e de quem lhes podesse fallar na lei de Moysés, fôssem bons christãos.»

Mas no *Emek Ha-Bakha*, mestre José Ha-Cohen precisamente define estes dissimulados horrores. Narra assim:

«Proximamente seis centos paes de familia emigraram, no anno do exilio, de Castella para Portugal com a permissão do rei Don Juan, que, mediante uma taxa de duas peças d'ouro por cabeça, concluiu um accordo com elles e prometteu fornecer ao grado d'elles navios a todos aquelles que não quizessem ficar no paiz, para os transportar aonde lhes aprouvesse ir. Mas esse anno rebentou a peste em Portugal, começou igualmente na Italia e fazia numerosas victimas. Ao cabo de algum tempo, muitos d'esses judeus resolveram alcançar o paiz dos mouros e a Turquia, e rogaram ao rei que lhes dêsse navios. Aquelle os entreteve longo tempo de palavras, após o que, sob suas apremiantes instancias, forneceu-lhes navios sobre os quaes elles se embarcaram sem desconfiança. Mas, durante a travessia, os marinheiros alevantaram-se contra elles, despojaram-os de seus vestidos, amarraram-os e, depois de lhes terem deshonorado as mulheres, a seus proprios olhos, sem que nem um só lhes viesse em soccorro, levaram-os para a Africa e deitaram-os em terra n'uma região nua, inculta, arida e deshabi-

tada. Seus filhos pediram pão e ninguém lh'o deu; as mães levantaram os olhares para o ceu n'estes dias de desespero. Alguns cavaram a propria cova e gritaram para as montanhas: Cobri-nos,— desfallecidos como se mortalmente feridos e como se a vida se lhes volvesse fardo penoso, tão grandemente a fome os torturava. De passo que erguendo estavam seus olhos ao ceu, surgiram arabes, que se detiveram á sua vista e aguardaram que elles viessem até sua beira; mas, quando elles se approximaram, os arabes increparam-os, fallaram-lhes com dureza por terem vindo á sua terra sem haverem feito alliança com elles, fizeram d'elles seus escravos e com elles os levaram. Mas esses desfortunados, expirantes de fome, reputaram, ainda assim, a sua sorte como uma felicidade e por ella renderam graças a Deus. Os habitantes judeus do paiz resgataram-os e, penetrados de compaixão, vestiram-os, deram-lhes de comer e de beber. Deus de tal se recorde em seu prol! Quando a noticia d'estes factos se espalhou em Portugal, os judeus que haviam ficado n'este paiz conceberam um grande susto e mais não ousaram emigrar. Ora, dois annos depois da sahida dos israelitas de Castella, o rei de Portugal poz-se a investigar se não haveriam vindo para a sua nação mais do que os seiscentos paes de familia com quem havia feito um pacto; e, como se apurasse que, em sua pressa, havia chegado um numero superior, mandou apprehender aquelles que formavam o excedente, declarou-os seus escravos e não quiz por nenhum resgate restituir-lhes a liberdade. A vida d'elles embebeu-se então d'amar-gura. Por esse tempo, os servos do rei, que navegavam no mar, haviam descoberto a ilha chamada de S. Thomé e onde se encontram os grandes peixes, peculiares d'essas aguas, a que chamam lagartos (*em portuguez no texto*), serpentes, sapos e viboras. Era para alli que o rei enviava os malfeitores e aquelles que haviam merecido a morte e foi para alli que remetteu tambem os filhos d'aquelles judeus enfraquecidos, sem que lhes acudisse ninguém. As mães elevaram a voz nos soluços, quando aquelles cães lhes arrancaram seus filhos, que ellas apertavam de encontro ao seio, e seus maridos arrepellaram as

barbas de desespero n'aquelles momentos medonhos. Muitas mulheres se precipitaram aos pés do rei e exclamaram: Oh! por compaixão, deixa-nos partir com elles! Mas, como uma surda aspide, não as quiz elle ouvir e não se dignou sequer olhar para ellas. Uma mulher, apertando o filho de encontro ao coração, atirou-se, de desespero, ás ondas e ambos n'ellas depararam a morte. Olhae e vêde se houve jámais coisa semelhante! Uma vez em S. Thomé, uns vieram a ser pasto dos lagartos (*em portuguez no texto*), outros succumbiram á mingoa de tudo, e tão só um pequenissimo numero é que escapou. Seus paes os choraram por longo tempo.»

Garcia de Rezende remata que, *por esta causa*, (o envio para Sam Thomé dos *moços* que foram judeus, tambem para que crescendo e casando-se, *podesse* o rei, *que está em gloria, com elles povoar a dita ilha*) *ella d'ahi em diante foi em crescimento.*

Recordo-me que, quando nós eramos pequenos, um leccionista nosso puxou as orelhas a meu irmão por elle, na toada dos domesticos, lêr *largato*, em vez de «lagarto», n'aquella passagem do Monteverde onde, aos meninos dos christãos, se explica, com a ajuda illustrativa d'uma gravura em madeira, que: «O crocodilo é uma especie de lagarto; da raça dos amphibios, é o mais temivel e feroz. Tudo n'elle inspira asco e terror; destituido de beiços, tem os dentes sempre á mostra, de modo que, até quando está socegado, parece devorado de raiva.»

Não temi, pois, que me acoimassem de má-lingua quando disse que no character do antigo Portugal dominava, como um traço bem apparentemente distinctivo, a ferocidade. E essa ferocidade era tam profunda

que não distinguia entre extranhos e os mesmos nacionaes. Bastava, para isso, que a divergencia da fé envenenasse a acre differenciação das remotas origens ethnicas.

No ostensivo simplismo apparente, o nosso distincto abbade Costa, em suas curiosissimas cartas, frisa idoneamente o melancholico reparo.

Na, de Vienna d'Austria, em data de 4 de Dezembro de 1779, diz assim:

Quanto mais me affasto de Portugal, em mais horrendo conceito acho estarem os portuguezes em materia de costumes. Chamam-nos aqui os homens mais barbaros de todo o mundo, os mais odientos, mais vingativos, mais desconfiados, mais crueis, e emfim de quem se deve fugir como de uma nação de diabos, se a houvesse no mundo. O que lhe faz a esta gente maior horror é o odio que temos, e a crueldade com que tratamos, e vemos tratar e castigar os nossos naturaes, nascidos de paes, avós, bisavós etc., portuguezes, creados comnosco na escola e estudo, com a mesma lingua e costumes, com as mesmas inclinações e gostos, e com a mesma crença de christãos catholicos e apostolicos romanos; e certo que n'este ponto não se póde negar que têm mais que razão; amar a quem é nosso inimigo actualmente, como nos aconselham os prégadores por bôcca de Christo, é, ao nosso parecer, contra a natureza e contra a razão; mas ter odio a quem nos não faz mal, antes bem muitas vezes e nos quer bem, e até nos parece, em mil occasiões, de um excellente natural, é uma das mais refinadas maldades a que póde chegar o coração humano, e indignissima de perdão, se não nascesse de falta de juizo. De esta materia acabarei d'estallo, senão nunca acabo, porque nada me parece bastante para ponderar a tolice com que ajuizamos d'estes nossos patricios, chamando-os homens de nação, como se não fossem da nossa, christãos-novos, como se tivessem sido cir-

cumcisados no nascimento, criados na Lei velha e, depois de grandes, se fizessem christãos, como se fazem cá os judeus e se faziam os de Portugal quando lá os havia etc. ; e o odio que mostramos, nas nossas acções, ter-lhes, sem a minima razão, o desprezo com que fallamos d'elles, a grande infamia de que os julgamos merecedores etc. Vê V. M. que ainda não acabo? Mas d'esta vez, sim.»

Essa abominavel destrinça, pelos portuguezes feita, de portuguezes para com portuguezes (os de Portugal com os *de nação*) e de christãos para com christãos (os velhos e os novos) perpetuara-se cruamente por esses tempos fóra ; e o Principe-perfeito entendia como todo o paiz, quando aos moços hebreus baptisados os não considerava idoneos para as terras nossas continentaes.

Com motivo de esse envio, por D. João II effectuado, dos filhos dos israelitas para a ilha de Sam Thomé, o primeiro marquez de Alegrete, Manuel Telles da Silva (*De rebus gestis Joannis II*) ao sitio descreve-o n'estes termos: «*Jacet Insula ad Africa oram sub æquatore, cujus ambitus triginta sex milliarum spatium complectitur ; & gravitate cæli, & soli amenitate jucunda potiùs, quam salubris habitantibus sit.*» Em a *Vida y acciones del rei don Juan el Segundo*, D. Agostinho Manuel e Vasconcellos diz da dita ilha de Sam Thomé *que yaxe debaxo de la linea en la costa de Africa, de hasta doze leguas de circuito, fertil, i de mucha frescura, i arboledos, pero mal sana por la destemplança del calor demasiado que la ofende, por herirla el sol perpendicularmente.*

O mesmo D. Agostinho Manuel e Vasconcellos, para o caso que testifica do aventado, escreve que aos judeus «lhes mandou el-rei tirar os filhos, e baptisal-os, e se entregaram a mulheres de bons costumes e de limpeza de sangue conhecida, para que lhes servissem de amas, ou, para melhor dizer, de mães verdadeiras, em cujos peitos mamassem o leite da Religião Catholica : diligencia tão importante para a educação dos moços que, conforme ás regras naturaes, todos os dias experimentamos effeitos mysteriosos em semelhantes materias.» Vou, educativamente, continuar a transcrever os espantosos trechos d'aquelle nosso Cavalleiro da Ordem de Christo: «Foi mais longe a piedade do rei, pois, não se dando por seguro de que o cuidado n'estes meninos podesse mais do que a força de sangue, por apartal-os dos parentes, para que nunca tivessem communicação, os enviou a que povoassem a ilha de Sam Thomé.»

E o referido Manuel Telles da Silva, marquez de Alegrete: «*Receptis, , in Lusitaniam Hebreii, cum Joanni animus foret eos in Christi religionem traducere, multorum parvulos liberos è gremio parentum abstrahere jussit, eosque sacro fonte abluere, & Christianis documētis informare, moxque ut longiore intervallo à parentibus divisi, avitæ superstitionis magis obliviscerentur, eos Insulam, cui nostri Divi Thomæ nomen imposuere, culturos misit.*»

Apezar de tudo, e prejudicando em parte o que exarado se poz, o velho Portugal não se deu inteiramente por satisfeito; antes, contra o rei, rezingou,

offendido. « *No faltaron discursos* (relata D. Agostinho Manuel e Vasconcellos), *condemnando al Rei querer poblar una Isla de gente infecta, e trahia consigo la presumpcion violenta de no ser buena; i aunque eram niños, era mui probable, que pudiesse mas la sangre, que la educacion.* »

Felizmente que, a corrigir o regio dislate, ao clima o ajudaram os lagartos e demais bicharia, pois n'aquellas paragens, segundo o roteiro do piloto portuguez, a magnifico fidalgo offertado, ferve infinita copia de crocodilos e serpes venenosas. Assim, « uma vez em Sam Thomé, tão só um pequenisimo numero é que escapou. » (*Emek Ha-Bakha*).

Quanto mais lido com os homens, mais gosto dos cães, dizia o philosopho. E, apezar de já no seculo XVIII, o cavalheiro de Oliveyra escrevia, ainda assim: « *Je suis Portugais: si tu es Hottentot, je ne doute pas que je ne puisse te donner quelque rang parmi mes Compatriotes.* »

Sem embargo, é de justiça consignar que o rancor inexoravel contra o judeu não se restringia só ao animo portuguez e cumpre ter presente que esse odio temulento não escolhia a terra lusitana para sua residencia exclusiva. Fôra pertença de todo o velho-mundo e, por uma lastimosa recurrencia atavica, reaparece hoje em dia, na França, na Allemanha, proclamado como uma theoria social por todos aquelles que se não pejam de se chamarem anti-semitas.

Anti-semitas!

A penuria de lealdade começa logo pela designa-

ção. Denominam-se anti-semitas, em vez de se chamarem, espessa e grossamente, anti-judeus. Como se algum empenho os assanhasse contra os arabes! E, todavia, a juizo do sabio Alfredo Maury, para topar com o verdadeiro semita, cumpriria ir buscal-o entre os arabes do deserto. Seria propriamente a elles que coubesse o quadro celebre que do seu condiciona-lismo de espirito traçou o eminente historiador de seus idiomas, o illustre Ernesto Renan.

Mas estes anti-semitas de agora o que são é ini-migos da raça judaica, para a qual endereçam um odio archaico, cubiçoso de fanaticas perseguições. Isto sob o lance da iniciação do seculo xx, na culta Al-lemanha, na espirituosa França, á laia das investidas d'esse rancor hispano-portuguez das datas esplendoro-sas da Inquisição aqui!

Constitue uma das modernas vergonhas a littera-tura copiosa anti-judaica que tem infectado as livra-rias do mundo que pomposamente se intitula civili-sado; ella não traz, porém, ao mercado dos odios novidade e nem só uma das accusações compendiadas nas bonitas brochuras hodiernas prima pela invenção; tudo se encontra já nos dislates que compoem as tos-cas encadernações da bibliotheca lusitana anti-rab-binica.

Os numeros constam do «Memorial dos Escripto-res Portuguezes que escrevêrão de Controversia Anti-Judaica», segundo a lista organizada por Antonio Ribeiro dos Santos, para as Memorias de Litteratura da lusitana Academia Real das Sciencias de Lisboa.

E os nossos mais facundos e fecundos, disertos e dissertos anti-semitas do seculo xvii nada adeantaram, elles-mesmos, sobre as invectivas da antiguidade classica, á qual se volveram antipathicos certos peculiares traços da physionomia moral do judaismo. O eruditissimo Theodoro Reinach entendeu poder resumil-os em dois grandes capitulos de accusação contra a gente hebreá: o seu particularismo religioso, o seu particularismo social. Elle reuniu, com destino á collecção das publicações da Sociedade dos Estudos Judaicos, larga ajunta de textos d'auctores gregos e romanos relativos ao judaismo, os quaes traduziu e annotou.

Ahi vem já tudo: a covardia dos judeus, a lepra dos judeus, a sarna dos judeus, a teimosia dos judeus, o servilismo dos judeus, a temeridade dos judeus: — os vicios mais oppostos, os defeitos mais contradictorios. Marco-Aurelio acha-os embrutecidos; são considerados os mais ineptos de todos os barbaros. Tacito exproba-lhes a devassidão — *projectissima ad libidinem gens*; Marcial e Ammiano Marcellino, o cheirete; do texto d'este ultimo nasceria a famosa accusação do *factor iudaicus*, a crença, muito espalhada na Edade-media (pondera Reinach), de que os judeus teem um mau-cheiro especial.

Mas não tão só na Edade-media. Em 1668, em Lisboa, Vicente da Costa (*Breve discurso contra a heretica perfidia do judaismo*) nada deixa, sobre o ponto, a desejar. Dos judeus explica elle «que aos mais lhe fede o corpo com tamanho extremo, que quasi lhes não sabião outro nome os antiguos Poetas, & His-

toriadores, salvo o de fedorentos: mal cheirosos lhes chamou Martial, & frey Christovão de Santo Thirso, fedorentissima geração chama á Iudaica, & fedorentos seus erros.» Seguidamente, Vicente da Costa mostra a origem d'este fedor e como os judeus baptisados perdiam o mau cheiro dos corpos, voltando-lhes, porém, o cheirete desde que apostatavam do christianismo: «Alguns graues Authores dizem, que este fedor era natural em todos os que interuierão na morte do Senhor, & que por particular graça sua se tiraua dos que se reduzião a nossa santa Fé depois de baptisados, & bem se pode inferir que se isto era castigo (como he infalliuel) que aos que tornarem a suas primeiras culpas apostatando da Fé, tornará a mesma praga, misterio profundissimo da eterna Sabedoria, cujos juisos sam incomprehensiveis.» D'estes, se o fôssem, decerto.

Reinach passa a inquirir dos primeiros germens da terrivel accusação do assassinato ritual, reportando-se dos textos divergentes que dão a façanha da cáptura do grego (engordado e immolado) aqui todos os annos, alli cada sete; e asserta que essa accusação deve derivar, por sem duvida, remontando, do pamphleto d'aquelle celebre declamador, estabelecido em Rhodes, de quem Cicero seguiu as licções e que, além de seus discursos e obras de rhetorica, compuzera um livro especial contra os judeus, o tractado mais antigo n'esse genero de que até nós se haja conservado noticia e do qual não resta mais do que um escasso numero de fragmentos, aliás nunca colligidos.

Na epocha christã, a causa do morticínio ritual provém do deicidio de Jesus-Christo; em virtude d'este crime inconcebivel (qual o do assassinato de Deus pelos homens) os descendentes dos criminosos fôram castigados por certo modo espantoso, e assim os « Iudeus padecem fluxos de sangue nas partes secretas », informa-nos Vicente da Costa. Ora, no fito de acabar com isso, que fizeram elles? « Para alimpar esta praga diz Frey Rodrigo de Hiepes no seu tratado do Minino da Guardia, que introduzirão os Iudeus matar crianças innocentes por lhe dizerem que com aquelle sangue se avião de remediar, & aly authoriza esta verdade, & cita alguns Authores na terceira parte da historia, no capitulo quarto.»

Mas Vicente da Costa, que nol-o refere, não se acontentou com o argumento de auctoridade; propoz-se averiguar a coisa directamente, se bem que do caso não se possa dizer que o tirasse a limpo. Assim, apurou, de raiz, o que se dá, a proposito, « nos descendentes dos que apelidarão o sangue de Iesu-Christo em sua morte, os quaes padecem fluxos de sangue nas partes inferiores, & secretas; & eu o soube de algum de que avia sospeitas, o qual confessava padecer este mal ordinariamente como as molheres a tempos.»

Esse enigmatico Vicente da Costa (Mattos) foi escrivão do Juizo do Cível de Lisboa; a primeira edição do seu *Discurso* é de 1622; e a segunda parte do dito trabalho sahiu a lume em 1625, com o titulo de *Honras christãs nas affrontas de Jesu Christo*. Na qualificação, a esta obra feita pelo dominicano Fr. Thomás de

S. Domingos, que a examinou por parte do Sancto Officio, diz-se que «ella é boa, e não causa fastio ao leitor, se não tiver o animo de algum modo infecto d'esta pestilencial doença.» Cruzes!

Na Allemanha (como na França), em nossos dias, reproduziu-se contra os judeus a accusação do assassinato periodico ritual do menino christão; ha numerosos livros com este objecto. Porém, na Allemanha (como na França) ainda se não deu com o motivo e o proveito d'essa abominação.

Seria prestar serviço ao anti-semitismo do seculo xx o indicarem-lhe a luminosa explicação approvada no seculo xvii pela Inquisição Portugueza.

A qual não carecia aliás de pretender punir esse crime para ir queimando, intermittente mas systematicamente, nos judeus christianisados. Regularidade perfeita!

Por isso, mestre José Ha-Cohen, em seu *Emek Ha-Bakha*, designou pelo expressivo cognome de «o forno de ferro» a esta terra lusitana: «... o forno de ferro, Portugal, que Deus amaldiçõe!»

Categoricamente lhe marca o motivo especifico. Indigita-nol-o quando em sua chronica prosegue. «Após a morte (escreve) d'esse feroz e violento Manoel, ao qual succedeu Joan, os conversos multiplicaram-se em numero e propagaram-se consideravelmente em Portugal, olvidaram a Deus seu Creador e ajoelharam perante o idolo de ferro fundido. Mas, ao cabo d'algum tempo, por ordem do rei, estabeleceu-se sobre elles inquisidores que os accusaram da não-observan-

cia dos editos regios, acabrunharam-os de tormentos e, no arrebatamento de seu odio, d'elles encarceraram e queimaram grande numero no anno 5291, isto é em 1531. Muitos outros surdiram apanhados em os laços que lhes armaram seus perseguidores no momento de se escaparem, ou ainda reconduzidos os levaram dos navios onde se tinham escondido para fugir, e fôram egualmente arrojados á fogueira; um grande numero, finalmente, na sua pressa de se escaparem por mar, cahiram ao fundo das agoas como chumbo e ninguém lhes veio em soccorro. Multidão d'elles fugiu por sete caminhos, em todas as direcções (Deuter., 28, 25), todos os dias, como deante da perseguição da espada, e soffreram males numerosos e terriveis durante suas peregrinações depois que sahiram do forno de ferro; Portugal, que Deus amaldiçõe!»

Estas tristes lembranças trazem á memoria, naturalmente, rude passagem do famoso don Juan-Antonio Llorente, antigo secretario da Inquisição da Corte, na sua famosissima *Histoire critique de l'inquisition d'Espagne*, traduzida do hespanhol, para francez, sobre o manuscrito e sob os olhos do auctor, por Alexis Pellier. Déra Llorente conta dos primeiros castigos da inquisição moderna em Hespanha, no § I do Artigo IV do Cap. V de sua obra, e no immediato § II acrescentava: «O grande numero de condemnados que se fazia morrer pelo fogo obrigou o governador de Sevilha a mandar construir fóra da cidade, n'um campo chamado *Tablada*, um cadafalso permanente de pedra, que se conservou até os nossos dias,

com o nôme de *Quemadero*, e sobre o qual se erigiram quatro grandes estatuas de gesso, sob o nôme dos *quatro prophetas*; os christãos-novos relapsos e endurecidos eram fechados dentro d'ellas vivos, e lá dentro lentamente morriam em meio d'essa horrivel combustão.»

Tambem o mesmo Llorente, passando a referir-nos os começos da inquisição de Toledo, nos relata que, no *auto-de-fé* do domingo 12 de Fevereiro de 1486, o historiador coevo e testemunha presencial d'essa primeira execução addita que, na angustia de quando os condemnados se dirigiam para a cathedral (afim de ouvirem a leitura das suas sentenças) o ar retumbava de seus gritos e gemidos, « porque elles tinham a dôr de se verem cercados d'um concurso de povo tanto mais extraordinario quanto aquella cerimonia fôra annunciada com quinze dias de antecedencia em todas as cercanias limitrophes.»

Porém, aos carrascos, em Portugal, os mesmos queixumes dos martyres lhes eram odiosos, e á laia de affronta tomavam lastimas e suspiros. De modo que, previdentemente, recorreram á precaução da mordança. Assim, no *Regimento do Santo Officio da Inquisição dos reynos de Portugal, ordenado por mandado do illustrissimo e excellentissimo senhor bispo Dom Francisco de Castro, inquisidor geral, do Conselho de Sua Magestade*, veio, em 1640, a confirmar-se no livro II (*Da ordem judicial do Santo Officio*), titulo XXII (*De como se hão de dispôr as cousas necessarias para o Auto da Fee, e da ordem, que nelle se ha de guar-*

dar), em seu n.º 14, que o guarda dos carcereiros que fôr ao auto deverá ser o *que melhor conheça os presos, para os chamar quando o Meyrinho lho ordenar para virem ouvir suas sentenças, e o Guarda levará mordanças para lançar aos que se descompozarem, se os Inquisidores o ordenarem.*

Ora, tractando-se «das penas, que hão de haver os culpados nos crimes, de que se conhece no santo Officio», aponta-se emfim, a de morte, sob o celebre disfarce de *relaxação á curia secular*. E nas *Noticias reconditas do modo de proceder a Inquisição com os seus presos* vêmos como a tremenda farça, perversa e impia, se passava.

Do auto o (o preso) levam para a relação. Ahi... não se vê coisa alguma do processo, mas só pela copia que vae da sentença, lida no auto, o condemnam a morrer, queimado, suppondo que é judeu, e que os autos fôrão bem provados, e que a sentença é justa, o que fica em segredo. E porque só aos pertinazes, que vão confessando a lei de Moysés, queimam vivos, lhes perguntam a todos em que lei querem morrer? E todos clamam que na de Christo, como christãos que sempre foram, e são, e com palavras devotissimas, repetem protestações da fé! Isto succede aos mais, ainda que alguns mais pusilanimos, ou algumas mulheres, pela fraqueza de espirito, quasi pasmadas, façam n'aquelle aperto menos demonstrações, comtudo declaram o que basta para se conhecer que são catholicos. Isto é o que regularmente succede, e são mui poucos os casos em que se vê o contrario.

Sentenciado assim este réo (*que morra afogado com garrote, e depois se queime o seu corpo*), o levam da relação para o logar do supplicio, e regularmente vão todos, assim negativos como confessos, que morrem por minutos, fazendo mui-

tas protestações catholicas, e dizendo, com clamores, que elles são christãos, e nunca se apartaram da lei de Christo, e nella crêem e crêram sempre, e nella morrem, e só nella esperam ter salvação pelos merecimentos, morte e paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, o qual nos remiu com o seu precioso sangue, e accrescentando: que o mesmo Senhor lhes permite essa morte, para por meio della lhes perdoar os muitos peccados, que contra a divina Magestade teem commettido. Confessam, que elles são uns fracos e miseraveis peccadores, mas que, no caso porque padecem, são innocentes; porque elles sempre firmemente crêram e adoraram e veneraram a Nosso Senhor Jesus Christo, confessando que elle é o verdadeiro Messias, que resgatou todo o genero humano, que elles são filhos da santa egreja catholica romana, e que crêem firmemente tudo o que ella nos ensina e manda crêr, e por esta fé darão mil vidas.

Todos vão abominando e maldizendo o judaismo, fazendo votos e finos actos de temor a Deus; tudo são colloquios a Christo Crucificado, á Virgem Santissima, e a todos os santos: e tudo isto com grandes lagrimas, e com mil suspiros arrancados do intimo de seus peitos; e assim continuam até perderem o ultimo alento e espirarem. Ainda quando lhes estão apertando os cordeis do garrote, sempre se lhes vão ouvindo nomearem, com uma notavel devoção, os nomes suavissimos de Jesus e Maria, e já quando não podem fallar, nas acções manifestam a mesma devoção, e assim espiram, com signaes evidentes de que teem a fé no coração e nella morrem contrictos e penitentes.

Deve ponderar-se, que estes reos, que vão relaxados e desenganados que morrem, confessam a fé de Christo com palavras e acções, sem indicio de que possa presumir-se coisa contraria; e assim morrem clamando e protestando que são christãos, e abominando o judaismo. Logo, como são judeus? Que homem ha tão barbaro, que imagine se salva em uma lei contra a qual está blasphemando quando morre? E, se são judeus, como se fingem tão efficaçmente, ou para quê? Em quanto presos, se poderá presumir, com menos caridade, que encobrem

o seu erro, por não se apartarem delle, e remirem a vida; mas, desenganados que morrem, e com o garrote na garganta, para que fingem? Quem póde negar que o judeu, entendendo ser a sua lei boa, ha de fazer merecimento de morrer nella? Pois se já morre naquella hora última de garrote, porque a não confessa? E se a não confessa pelo não queimarem vivo, para este intento bastava ao relaxado dizer que morria na lei de Christo, e depois não é necessario fazer mais actos de christão. Pois, como fazem tantos colloquios santos? Como repetem tantos actos de piedade, e tudo com tantas lagrimas e efficacia? Para que são tantos actos superabundantes? Para se salvarem? Logo, na lei de Christo, e não na de Moysés, querem salvar-se. Pondere-se bem este ponto, que é de consideração.»

As *Noticias reconditas*, na nova impressão de 1821, fôram dadas como do nosso insigne padre Antonio Vieira, andando, effectivamente, este papel em nome do jesuita, em algumas antigas copias manuscritas e reapparecendo na edição completa de Lisboa, em 1856, no tomo I das «Obras varias». A primeira impressão fôra de 1722, suppositivamente em Villa Franca, realmente em Londres, pelo hebreu portuguez David Neto.

Fallando dos judeus conversos ao christianismo, que de Portugal, no tempo de D. João III, fugiam por sete caminhos, para não serem queimados por apostatas, o testemunho do judeu, profitente e praticante, José Ha-Cohen, em seu *Emek Ha-Bakha*, é irrecusavel. Ora, o medico de Avignon escreve, a proposito, por este theor: «A mór parte voltaram ao Eterno, ao Deus de nossos paes, e serviram o Deus de Israel, e quando Hercules, duque de Ferrara, lhes permittiu a

residencia do seu paiz, muitos d'entre elles fizeram-se circumcisar. Mas muitos tambem, na sua dispersão, continuaram a praticar o culto estrangeiro, poisque não tinham sahido do forno de ferro senão por causa dos inquisidores, encarniçados contra sua vida, a qual pelo menos elles salvaram.»

Porém, poisque se nos tenha apresentado de torva catadura, não vá o leitor julgar permanentemente carrencando o aspeito de nossos passados, « dos bons tempos que lá vão. » Tambem para elles havia a hora de joco e riso. Tambem sabiam folgar aprazivelmente, e o mesmo Santo Officio da Inquisição se não dedignava de, aos fieis, os galardoar provocando-lhes um casquinar dôce e confortativo.

Para esse effeito salutifero, a Inquisição engendrou diversas traças, e uma d'ellas consistiu em mandar pintar, na lona de varios retabulos, as cabeças dos condemnados á morte (*relaxados á Curia secular, se fazem favor*), cercadas de chammas suppostas infernaes e de uns tantos diabos pulando e tregeitando de emtorno a ellas, contentes pelo gaudio da boa pintaça para suas caldeiras eternas. Quem se poderia ter de riso ?

Não riu o francez Dellon, quando dos retratos dos condemnados pela inquisição de Goa nos relata que « aquellas pavorosas representações são collocadas na nave, e por cima da porta principal da egreja, como outros tantos illustres tropheus consagrados á gloria do Santo Officio, e quando essa face da Egreja está

assim entapetada, põem-os tambem sobre as paredes lateraes pegadas á porta.»

Não riu o portuguez famoso cavalheiro de Olivey-
ra, no rarissimo vol. II do seu *Amusement périodique*.
Ahi, tractando das « Conformidades do Papismo e do
Paganismo », conta-nos que : « Quasi todas as cabeças
dos judeus que teem sido queimadas em Lisboa, en-
contram-se pintadas em pequenos paineis quadrados
e collocadas á guisa de retratos na egreja dos inqui-
sidores, que é a do convento dos dominicanos, situada
na praça do Rocio. » Interpreta esta excellente pratica
como sendo tirada da usança dos antigos pagãos de
offerecer aos deuses infernaes a cabeça do criminoso.

Como quer que seja, os inquisidores, de ante-mão,
a respeito, tomaram suas providencias. Aos inquisi-
dores manda o bispo D. Francisco de Castro, inquisi-
dor geral, que, nos preparativos para o auto-de-fé,
« ao thezoureiro advertirão, que tenha habitos bastan-
tes, e a cera necessaria, e se forem muitos os prezos,
que estiverem para relaxar, que com tempo chame o
pintor para fazer os retratos, e habitos affogueados. »
A' curia secular se exorará que aos relaxados os tra-
cte com toda a caridade, sem intervenção de pena de
morte, com a maxima beneguidade, *sanguinis effusio-
nem citra*. Todavia os senhores inquisidores que vão
prevenindo com tempo o pintor, para fazer os retra-
tos e habitos affogueados. Porém não divaguemos, eu
e o leitor.

Porque o que nos cumpre saber é que, tal prati-
cando, os inquisidores tinham em mira suscitar o riso

da piedade christã. Não nos deixam duvidas a este objecto as *Noticias reconditas*, quando a proposito ahi leamos o que transcrevo e é d'este dizer assim: «E se . . . morrem a gritos (*os relaxados á Curia secular*), confessando a fé catholica; como permite a piedade, que nas egrejas estejam as suas imagens entre figuras de bichos disformes, que provocam o povo a riso, com letreiros infames? Considere-se bem esta indecencia, pois é motivo para se chorar com lagrimas, porque, se são judeus, e morrem impenitentes, perdem-se; e, se são christãos, morrem innocentes: e, assim, por nenhum caso se devia permittir nas egrejas o que só provoca a risos, galhofas, infamias e odios.»

Risonho, galhofeiro povo o povo antigo de Portugal! Desde creanças e rapazes, quam risonhos e galhofeiros!

Assim, no anno de 1680, residia em Lisboa Antonio de Cobilhos, com seu creado Manoel de Sandoval, ambos castelhanos, mercadores de profissão. Cahiram os dois nas garras do Santo Officio, e ahi fôram conhecidos por christãos-novos e condemnados com todos os arrebiques da regra maxima, pois que o famulo foi declarado convicto, ficto, falso, simulado, confitente, diminuto, impenitente; e o amo: convicto, negativo, pertinaz e relapso.

Com effeito, aos 26 de Novembro do anno de 1684 sahiram no auto publico que se celebrou na egreja de S. Domingos d'aquella cidade, sendo inquisidor geral D. Verissimo de Lencastre. Fôram ambos

queimados vivos, e as notas do que aconteceu no seu supplicio estão juntas ao processo; são curiosas, « posto que arripiem a gente », escreve o dr. José Ribeiro Guimarães.

Eis aqui a relativa a Manoel de Sandoval, o creado :

Manoel de Sandoval pediu duas vezes meza, mas nunca disse coisa que o podesse livrar. Acabado o auto e entregue á justiça secular, declarou-se proficiente da lei de Moysés. Perguntado na Relação se cria em Deus Padre, disse que sim; se cria em Deus Filho, respondeu que não; mas que só cria em Deus — nada e nada mais. Quando, junto da fogueira, o padre lhe prégava, fugiu pela escada acima, e sentou-se junto do banquinho: o padre, de joelhos diante d'elle, lhe pedia se quizesse converter, elle zombava e virava a cara; e, deixando-se estar até que o ataram, foi queimado vivo e foi tão mofino que, por causa do vento, não teve fumos que o afogassem, e esteve vivo tres horas, gritando: ai! ai!, e fazendo grandes visagens!!

Eis agora a outra nota, relativa a Antonio Cobilhos, o amo :

Sahi da inquisição, e no meio do Rocio se declarou proficiente da lei de Moysés. Defendia-se dos argumentos com dizer que a lei de Moysés era dada por Deus, e, por consequencia, boa, e não admittia razão, dizendo aos padres que não se cansassem, nem tomassem trabalho. Na Relação foi perguntado se cria na Segunda Pessoa da Trindade, e não disse que sim, nem que não: mas que cria em Deus e na lei de Moysés pretendia morrer. Quando estava na fogueira, os rapazes da Ribeira lhe tiraram um olho com uns paus e garrunchos com que lhe atiraram, ferindo-o e escalavrando-o. Tirou de um lenço, e o lançou ao fogo para vêr se ardia. Mandou dizer ao criado que lhe